

Feiras de Ciências: percurso de constituição da Mostratec na Fundação Liberato (1974 - 2009)
Science Fairs: the constitution path of Mostratec at Fundação Liberato (1974 - 2009)

Deise Margô Müller¹
Luciane Sgarbi S. Grazziotin²

Resumo

Este texto tem por objetivo historicizar o percurso de constituição da Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia – Mostratec, evento organizado pela Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Viera da Cunha, e compreender sua colaboração ao fortalecimento da representação de instituição de ensino de excelência, que realiza iniciação científica no Ensino Médio Técnico. Como escolha metodológica, foi utilizada a produção historiográfica vinculada à temática das Histórias das Instituições de Ensino. Ao se investigar a gênese do processo de implantação da feira na escola, foi possível compreender a construção da potencialização da representação de excelência de ensino em tal instituição e estabelecer as redes que possibilitaram a trajetória do evento nesta escola.

Palavras-chave: Instituição de ensino; Mostratec; Feira de Ciências; Fundação Liberato; História da Educação.

Abstract

This text explores the historical development of the International Science and Technology Fair – Mostratec, organized by Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Viera da Cunha. It seeks to understand how Mostratec has helped in strengthening the representation of an educational institution of excellence, which carries out scientific initiation in Technical High School. As a methodological choice, historiographical production linked to the theme of Histories of Educational Institutions was used. By investigating the origins of the process of implementing the fair at the school, it was possible to understand the construction of the representation of teaching excellence in the institution and to establish the networks that enabled the constitutional path of the event in the school.

Keywords: Educational institution; Mostratec; Science Fair; Fundação Liberato; History of Education.

1 Pós-Doutora em Educação pelo programa de Pós-graduação em Educação da Unisinos. Professora da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9591-0183> email: deisemargo@gmail.com

2 Pós-doutorado na UNED em Madri, doutorado em Educação, ênfase em História da Educação pela PUCRS (2008) Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5648-3855> email: lsgarbi@unisinos.br

Introdução

Este artigo tem por intenção apresentar um recorte da investigação realizada sobre a Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Viera da Cunha³ (Fundação Liberato ou simplesmente Liberato), escola técnica localizada em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. O texto tem por objetivo historicizar o percurso de constituição da Mostra de Ciência e Tecnologia – Mostratec, evento organizado por tal instituição, e compreender sua implicação para o fortalecimento da representação de instituição de ensino de excelência que realiza iniciação científica no Ensino Médio Técnico.

Tal instituição levou dez anos para ser construída, desde que foi assinado o convênio para estabelecer a escola em Novo Hamburgo até o momento da aula inaugural, em 12 de abril de 1967. A campanha foi assumida pela comunidade social e política influente da cidade e pelos jornais locais. A partir dessa narrativa, observa-se a criação de um “mito fundador” (Chauí, 2000)⁴ – ou seja, mesmo antes de a escola estar instalada, já se produzia, no imaginário da comunidade, a ideia de que ela já era grandiosa porque formaria técnicos de excelência, solucionando os problemas do município, que começava a apresentar dificuldades para manter seu destaque nacional na produção de calçados.

A Fundação Liberato foi constituída a partir do mito de ser a escola que daria conta de um ensino diferenciado e teria, para tanto, condições também diferenciadas, com laboratórios e profissionais gabaritados para tal intento. Na realidade, percebe-se que a construção de uma superestrutura ficou só na idealização. Quando a escola foi inaugurada, ainda estava com diversas partes dos prédios por terminar, e sua construção levou mais algumas décadas para ser finalizada. Mas a narrativa estabelecida, de escola de excelência, estava criada e foi assimilada pelos primeiros a constituírem a comunidade Liberato – professores, alunos, pais, diretores e servidores de um modo geral.

A partir dessa aceitação de instituição de excelência, a escola constituiu estratégias que levaram a práticas que dessem conta de fazer dessa narrativa uma realidade – ou, melhor dizendo, que corroborassem esse “mito fundador” (Chauí, 2000). Sendo assim, a instituição fomenta, na comunidade escolar, oportunidades diferenciadas a seus alunos. As primeiras delas foram nas áreas artística e cultural, em que foi dado destaque às premiações recebidas pelos discentes. Essa movimentação foi utilizada pelos dirigentes para divulgação da escola. Tal movimento de proporcionar atividades diferenciadas aos alunos, assumindo o papel de escola diferente e de características técnico-científicas, vai sendo reforçado pelas ações dos docentes e dirigentes, que, a cada evento, ocupam-se em divulgar e dar conta, para a comunidade hamburguense, daquilo que era realizado na instituição. Isso possibilita a produção discursiva concernente ao mito fundador, que é retroalimentada entre comunidade e escola.

Entendemos que um dos eventos utilizados para a potencialização da representação de instituição de excelência se constituiu a partir das feiras de ciências organizadas pela escola. As primeiras feiras que circulam nas narrativas da comunidade escolar datam da década de 1970 e

³ O estudo original e completo encontra-se em: MÜLLER, Deise Margô. Das feiras de ciências à iniciação científica no ensino médio profissionalizante: história da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Viera da Cunha (1974-2009). Tese (Doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018.

⁴ O mito fundador, segundo Chauí (2000), é uma narrativa que explica a origem e a fundação de um povo, imbuída de um caráter sagrado e atemporal. Essa narrativa, muitas vezes mitificada e idealizada, serve como base para a construção de uma identidade coletiva e legítima a ordem social existente.

vêm a se transformar no que hoje é conhecido como a maior feira de ciências da América Latina, a Mostratec.

1 Caminho teórico-metodológico

As memórias da Liberato estão nos documentos escritos e na lembrança de quem por lá passou, seja como professor, seja como aluno. Registrar fragmentos dessas memórias para compor uma história exigiu dois processos de mobilização de documentos, quais sejam: produção de documentos orais e garimpo dos registros escritos.

A presente investigação adotou a noção de documento conforme a perspectiva da história cultural, ou seja, tudo aquilo que pode tocar a memória e apresentar, ao presente, situações e valores do passado que possam ser contados no presente. (Le Goff, 1990).

Adentrar as possibilidades da história oral como opção metodológica significa lidar com a memória e seus meandros. Halbwachs (2004, p. 73) afirma que “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Para os depoimentos orais, foram escutados três docentes que vivenciaram os primeiros tempos desses eventos na instituição: a professora Hoswita, o professor Pulz e o professor Dallmolin. Também foram ouvidos quatro que estiveram envolvidos diretamente com o tema, nos cursos diurnos desta instituição: os professores Ramon e Jaime e as professoras Vera e Dalva.

Os documentos escritos foram garimpados e selecionados para tramar essa história da Liberato com inspiração em Cunha (2007), que alerta para as escritas ordinárias produzidas na escola e sua colaboração para a compreensão da cultura escolar. Encontramos, na Liberato, arquivos da secretaria da Mostratec, que continham diversos documentos que classificamos como escritas ordinárias produzidas na Liberato. Trabalhamos, também, na análise de documentos oficiais tais como: portarias administrativas, Leis e Decretos, Estatuto da Fundação, Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico e Planejamento Estratégico.

2 Trajetórias das feiras de ciências na Fundação Liberato

O estudo que originou este recorte aqui apresentado teve como objetivo compreender a constituição da escola e sua relação com o desenvolvimento do ensino de pesquisa científica no ensino profissionalizante, abrangendo o período de 1957 a 2009. Esse intervalo considerou o ano da definição de construção da escola no município até o momento da instauração da disciplina Projetos, que definia o ensino de pesquisa científica na grade curricular da instituição. Para entender as relações da pesquisa científica e a trajetória desta escola, percebeu-se que havia várias tramas entre a organização das feiras de ciências e as práticas escolares, havendo, então, a necessidade de compreender a constituição das feiras nesta escola, o que nos leva à temporalidade deste artigo: 1967, da inauguração da escola, até 2009, instauração da disciplina projetos. Com isso, construímos a historização da constituição da Mostratec na Liberato.

A análise foi dividida em três tempos: o tempo de estabelecimento e constituição da escola, que localizamos entre 1967 a 1977; o tempo da ciência e da tecnologia aliada à constituição da escola, localizado entre 1978 a 1983; e o período que analisa o tempo de ciência, tecnologia e arte na constituição de uma cultura escolar na Liberato, entre 1984 e 2009.

No período que caracterizamos como o tempo de estabelecimento e constituição da escola, encontramos um conjunto de eventos citados como precursores da atual feira, os quais

foram selecionados e apurados a partir do imaginário construído no cotidiano escolar, dos documentos analisados e da memória dos entrevistados. Como aponta Paul Veyne (1998), o historiador trabalha com os indícios que ele encontra e vai, na medida do possível, preenchendo as lacunas que lhe possibilitam realizar a narrativa da qual está se ocupando, acrescentando que “o mais curioso é que as lacunas da história se fecham espontaneamente a nossos olhos e que só as discernimos com esforço.” (Veyne, 1998, p. 27). Na primeira etapa desta pesquisa, quando realizamos a busca pelos arquivos dos jornais para traçar a trajetória da Fundação Liberato, havia uma reportagem que falava sobre uma premiação de alunos da escola. Na época, os primeiros indícios mostravam que era uma primeira premiação recebida por alunos da Liberato, e isso foi identificado como uma consequência das feiras de ciências.

Com o aprofundamento da pesquisa e o encontro de novos documentos, percebemos que se tratava, sim, de uma das primeiras premiações de alunos da escola, mas na área das artes e com o incentivo da professora Hoswita, professora de Educação Artística. Ao analisar os indícios propiciados pela documentação e pela narrativa da professora, podemos inferir que esses eventos tinham suas intenções marcadas em outra área, qual seja, o desenvolvimento artístico dos alunos. Isso era considerado como algo emergente para a época, visto que, desde a década de 1950, Novo Hamburgo contava com o Instituto de Belas Artes (IBA), o qual, na década de 1970, deu origem à Faculdade de Belas Artes da Universidade Feevale.

Quanto à narrativa da professora, nota-se o encantamento por ter trabalhado na Fundação Liberato: “no momento que eu comecei a lecionar, eu me apaixonei pelos alunos, eu fiquei enlouquecida, eu via um aluno, meu coração se iluminava” (Hoswita *apud* Müller, 2018). A presença de um sentimento de determinação dos alunos, provocada pelo diferencial da escola em formar técnicos para o mercado de trabalho, são as representações construídas sobre os ideais movimentadores do cotidiano escolar. Para tal formação diferenciada, era necessário maior comprometimento por parte de professores e alunos, o que justifica o alto nível de exigência e cobrança da instituição, de tal forma que a apropriação dessa característica pela comunidade acaba tornando-se uma tradição no cotidiano da instituição. Relacionamos esse aspecto ao conceito de tradição inventada, discutido por Hobsbawm (1984, p. 9), quando define que a tradição inventada é aquela que se pode perceber pelo “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas”. Nesse sentido, percebe-se que a comunidade escolar aceita e repete o discurso de escola diferenciada e exigente, com vistas a manter-se como instituição de excelência.

Qual a ligação desses eventos com as feiras de ciências? No imaginário escolar, circula a ideia, pela fala de alguns membros da comunidade, de que esses eventos foram os incitadores das feiras e de que a professora Hoswita teria sido a incentivadora. No entanto, o estudo demonstra que tais ocorrências tiveram outras motivações. Apesar disso, pela análise dos fatos, percebe-se que a Fundação fez uso desses eventos para divulgar seus cursos e promover o mito fundador de melhor escola técnica da região. A professora Hoswita menciona outro evento que foi, segundo ela, o precursor das feiras. Trata-se da 1ª Expomeq – Exposição de Mecânica, Eletrotécnica e Química.

A importância dessa construção histórica, por meio dos documentos garimpados, não tem o objetivo de encontrar o verdadeiro precursor, aquele que foi o primeiro, o único, de forma a enaltecer sua vida, tal qual o historicismo que objetiva encontrar ou produzir heróis. Antes disso, a ideia é identificar um percurso e compreender o espaço, a construção e a historicização de uma instituição que, nesse caso, está diretamente ligada a uma feira.

A I Expomeq ocorreu nos dias 21, 22 e 23 de novembro, na Sociedade Ginástica de Novo

Hamburgo, em sua antiga sede, localizada no centro da cidade. Essa exposição apresentou os trabalhos desenvolvidos nos três cursos da Fundação, com a intenção de demonstrar que tipo de atividade era realizada na instituição. O objetivo da exposição era divulgar a escola, aproximando-a da comunidade local para, com isso, captar novos alunos. O tipo de trabalho referido pelos entrevistados abrangia trabalhos de demonstração das experiências realizadas nos laboratórios da escola.

De acordo com as memórias, é possível fazer algumas considerações. De fato, a escola era uma instituição diferenciada, pois lidava com um ensino técnico tecnológico nas áreas de química, mecânica e eletrotécnica. Essas áreas de conhecimento eram novas para a comunidade de Novo Hamburgo, que, embora tenha desejado tal instituição, conforme as representações dos jornais locais, não sabia ao certo o que essa escola fazia. Portanto, era necessário divulgar a escola para aumentar o número de alunos. As condições de possibilidade que se apresentaram para que houvesse essa divulgação foram os eventos culturais/artísticos primeiramente e, depois, a mostra dos trabalhos, desenvolvidos nas salas de aula da escola, através da Expomeq.

A necessidade de divulgação da Fundação Liberato continua emergindo das memórias dos entrevistados. Após 1974, com o advento da Expomeq, ficou inviável, financeiramente, realizar tal evento no centro da cidade. Contudo, como era necessário continuar realizando o evento, percebe-se a construção de outra estratégia: fazer a mostra dentro da escola e trazer a comunidade de NH⁵ para a instituição. As memórias de como foram feitas essas mostras na escola são difusas. Alguns entrevistados indicam que eram os mesmos tipos de experiências apresentadas na Expomeq, porém feitas nas salas de aula; outros referem que a feira ocorreu no saguão dos cursos ou ainda nos próprios laboratórios.

A narrativa desenvolvida até o momento ocupou-se em analisar a trajetória da Fundação Liberato, estabelecendo pontos de contato entre as feiras de ciências nela organizadas e as representações dos entrevistados sobre esses primeiros movimentos. É possível descrever esse primeiro momento, localizado entre os anos de 1967 e 1977, como tempo em que a instituição estava se estabelecendo e se constituindo como escola na comunidade de Novo Hamburgo, tentando realizar conexões e caminhos para ser a instituição com a excelência pretendida.

O próximo movimento analisado é o que denominamos de o tempo da ciência e da tecnologia aliada à constituição da escola, localizado entre 1978 a 1983. Continuando com a perspectiva de divulgação da escola e a promoção da qualidade de excelência, ocorre outro evento, no ano de 1978, nas dependências da instituição: a 1ª Feicit – Feira Interna de Ciências e Tecnologia. Esse evento é denominado, em um dos documentos iniciais de seu planejamento, como “Feira Interna de Ciências e Tecnologia do Liberato – FEICITLIBERATO – Expomeq. 2”. Por meio da análise das memórias, notamos uma certa ambiguidade nas representações relacionadas a esses dois eventos. O uso de tal denominação leva a crer que havia uma intenção de dar continuidade ao primeiro evento. No entanto, no conjunto restante de fontes escritas sobre esse acontecimento, desaparece a referência à Expomeq, ficando somente a denominação Feicit.

A ambiguidade relativa a esses dois eventos aparece também nas memórias dos entrevistados, quando se referem a eles como sendo os precursores da Mostra. Como já relatado, percebemos, na comunidade escolar, por ocasião da comemoração da 30ª edição Mostratec 2015, uma angústia por definir um marco inicial para Mostratec. Essas representações sobre o período inicial das feiras se refletem nos relatos dos entrevistados, embora, nas

⁵ NH é a sigla para identificar a cidade de Novo Hamburgo.

perguntas utilizadas para evocar suas memórias, não tenha sido sugerido que falassem sobre essa ambiguidade.

A Liberato não estava isolada do contexto educacional nacional e mundial. As movimentações que ocorreram na década da guerra fria impactaram posteriormente no sistema de ensino brasileiro, resultando em muitas intenções quanto ao uso da educação. Na década de 1970, instalam-se no Brasil os centros de ciências, com o intuito de fomentar o ensino de matemática e ciências e atualizar a formação dos professores nessas áreas. No RS, o CECIRS⁶ iniciou esse incentivo, fazendo uso das feiras de ciências. A partir desse contexto, por sua vez, a Fundação Liberato vislumbrou as condições de possibilidade para reforçar e dar conta do seu mito fundador.

O uso das feiras de ciências e a sua promoção, como ações com o intuito de melhorar o ensino de ciências, tem ocorrido no Brasil desde a década de 1960 e é reflexo de um movimento mundial. Zuliani (2009) trata da necessidade que se instalou no Brasil, na década de 1950, de melhorar o ensino dessa matéria, quando este se baseava em aulas teóricas e sem questionamentos.

Abordando as motivações dessa preocupação com o ensino de ciências no que tange aos programas de ensino gerados nos Estados Unidos na década de 1950, Krasilchik (1992) afirma que as grandes mudanças no ensino de ciências têm “sede nos chamados grandes projetos curriculares, mais conhecidos pelas suas siglas – o *Biological Science Curriculum Study* (BSCS); *Physical Science Study Committee* (PSSC); *Chemical Study Group* (CHEM); *Chemical Bond Approach* (CBA), entre outros”. (Krasilchik, 1992, p. 3).

Esses programas americanos para o ensino refletiram, nas décadas de 1950 e 1960, nos currículos em diversos países. Krasilchik (1992) considera que, no Brasil, a necessidade de formar alunos preparados para tornarem-se investigadores justificava-se pela necessidade de termos condições de promover o progresso da nação, para a entrada na era industrial.

O CECIRS aparece como sendo um dos centros que se destacou na organização das feiras de ciências e de outros eventos que promoviam o ensino de ciências no estado. Essa trajetória acontece conforme vão passando os anos e vão se configurando promoções de feiras de ciências nas escolas do RS, até o movimento tomar o porte de feiras que deixavam de ser escolares – passavam a ser regionais, sob organização do CECIRS, conforme Viêra (2011).

Ao analisar os fragmentos de memórias sobre a existência de outras feiras de ciências fora da Liberato, notamos que os entrevistados falam de trabalhos simples, sem metodologia, e de feiras simplórias. Temos de levar em conta que eles falam nisso baseados na feira contemporânea e no tipo de trabalho que hoje é realizado. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que, na representação desses professores, esses eventos e o ensino desenvolvido na instituição carregam o mito fundador de excelência. Então, percebe-se que, nas suas memórias, isso está marcado. Eles referem que as feiras da Liberato eram diferentes das promovidas pelas outras instituições escolares na década de 1970, dando a entender que, na Feicit, eram apresentados trabalhos mais complexos do que os apresentados em outras feiras.

Chartier (1990) coloca que a construção da história pela perspectiva da cultura lida com

⁶ O Centro de Ciências de Porto Alegre, que ficou conhecido como CECIRS – Centro de Ciências do Rio Grande do Sul –, teve influência na organização das feiras de ciências do estado. Esse centro iniciou suas atividades com a intenção de promover a melhoria do ensino de matemática e ciências. Conforme Borges (1999), o CECIRS é inaugurado em 1965 e passa por diversas fases, mudando os objetivos, mas trabalhando sempre com a formação continuada de professores no ensino de ciências e matemática.

as representações dos fatos e com a forma como ocorre a apropriação, com o relato sendo feito no presente. Fala-se do passado com as representações construídas pelas apropriações no presente. Essas memórias foram provocadas pelos questionamentos feitos: queria-se saber a relação desse centro e dessas políticas estaduais com os movimentos dos eventos na Liberato. Percebemos que, com a representação da comunidade de que a Fundação é a protagonista desse movimento de feiras científicas, quando provocados a lembrar sobre a existência de outras feiras e sobre o CECIRS, os professores parecem entrar em conflito com eles mesmos ao lembrar que existia esse movimento fora da Liberato. O conflito apresenta-se quando eles se dão conta de que a representação de protagonismo da escola, como idealizadora das feiras de ciência, se desfaz. Essa talvez seja a justificativa para enfatizarem que as feiras que existiam eram simples e diferentes das que a Liberato organizava.

Por outro lado, entendemos também que, de alguma forma, esses eventos da Liberato se constituíram de forma diferente, pela natureza das áreas de formação com que se ocupa a escola. É uma instituição que forma técnicos nas áreas industriais, hoje denominadas áreas tecnológicas, e isso resulta em apresentações de trabalhos diferentes daqueles que eram apresentados nas outras escolas.

O CECIRS esteve presente na Fundação, inclusive com a preocupação em integrar a escola a esse órgão. A Liberato não esteve alheia às políticas públicas de incentivo às disciplinas de ciências, que estavam circulando no Brasil e no RS. Isso nos leva a pensar que as feiras não foram uma produção isolada da Fundação Liberato por idealização interna: foram novamente as condições de possibilidades entre as movimentações de órgãos estaduais de incentivo às feiras de ciências, a necessidade premente que a Liberato tinha de continuar divulgando seu trabalho e a mobilização de um grupo de professores, incentivados pelo professor Dal Molin, que contribuíram para que, em 1978, ocorresse a I Feira de Interna de Ciências e Tecnologia na Fundação Liberato. A inclusão do termo Tecnologia no nome da feira desperta curiosidade; inferimos que o intuito seria marcar o tipo de trabalho que era desenvolvido nas salas de aula da Liberato, ligados às suas áreas de atuação industrial – nomenclatura também utilizada na época –, ou seja, Química, Mecânica e Eletrotécnica.

Nos estudos da trajetória das feiras de ciências no Brasil e no Estado, uma autora que aparece constantemente como referência, inclusive em estudos realizados sobre o CECIRS, é Eivlys Mabilde Grant, que escreveu a obra “Planejamento de Feira de Ciências” (Grant, 1970). Essa autora foi Coordenadora de Ciências do Curso Ginásial do Instituto de Educação “General Flôres da Cunha”. Tal obra foi organizada a partir do trabalho desenvolvido na 1ª Feira de Ciências do Instituto, realizada em 27 de outubro de 1967. O livro data de 1970.

Na análise do livro e dos documentos da feira, foi possível perceber coincidências entre a forma de organização preconizada pela autora e o projeto da I Feicit. Inferimos que esse material, tido como referência do CECIRS, pode ter sido de alguma forma inspirador para a estrutura organizacional das feiras apresentadas na Fundação Liberato. Quanto a essas possíveis inferências, Veyne (1998) sinaliza que o historiador encontrará lacunas que terá de preencher com suas interpretações, conforme os indícios possíveis, a cada narrativa tentada.

Podemos perceber que o contato com o CECIRS foi além de uma reunião; foi inspirador e balizador da execução da I Feicit. Encontramos, no Projeto da I Feicit, a indicação de que seriam convidados membros do CECIRS para comporem a comissão julgadora da feira. Nos fragmentos de memórias dos professores, não verificamos indícios de que isso tenha realmente acontecido, mas a escrita demonstra essa intenção. Desse modo, quanto à organização das feiras, configuram-se espaços e papéis cujas fronteiras não são muito nítidas. No intento de preencher

as lacunas, inferimos que as políticas públicas do Estado, através do CECIRS, fizeram-se presentes na Liberato na década de 1970.

Do Projeto da I Feicit, é possível extrair a estrutura organizacional prevista para a Feira. Ela é composta de diversas comissões, cada uma responsável por uma área. Além da organização das comissões, o projeto apresenta o cronograma que vai de março a agosto de 1978. Define que o público-alvo são os alunos da Liberato e que deverá haver a participação de todos os docentes na organização ou na orientação dos alunos. Também apresenta sete tabelas que detalham a organização de cada comissão e subcomissão, seus encargos, prazos e professores responsáveis.

A análise dos documentos permite perceber os atravessamentos e possíveis tensões que a proposta da feira suscitou à comunidade escolar. Realizar tal evento incluía mudar a rotina da escola, desacomodar as práticas que já haviam se estabelecido; por isso, a necessidade de normatizar o evento, para que os limites de cada setor não fossem transpostos pela feira. Isso é estabelecido quando é relacionada a responsabilidade de cada um, estipulando o que pertencia à organização da feira ou aos demais setores da instituição, e como a feira deveria interferir o mínimo possível na rotina da escola.

A feira continua partindo para sua segunda edição e acontecendo sob o nome de Feicit até o ano de 1981. Sobre a edição de 1979, obtivemos acesso somente a uma cópia do cartaz anunciando a feira; outros documentos não foram encontrados. Sobre a edição de 1980, III Feicit, é possível verificar que a estrutura organizacional da feira permaneceu igual à da primeira edição, tendo a exposição de 134 trabalhos classificados em tecnológicos e experimentais.

Essa edição é a última denominada Feicit. Depois dela, as feiras não ocorrem até o ano de 1985, quando são editadas novamente e recebem o nome Mostratec. Os indícios analisados no projeto da IV Feicit levam a crer que havia um desgaste com as edições das feiras no que se refere ao quanto estavam interferindo no fazer da sala de aula e nas rotinas dos cursos técnicos. As rotinas já estavam estabelecidas; os professores já tinham as suas práticas do cotidiano escolar definidas. Assim, fazer os trabalhos de pesquisa para expor na feira demandava mudanças nas práticas dos docentes.

A última Feicit foi sua quarta edição, em 1981. Na tentativa de compreender as motivações que levaram a essa interrupção, encontramos indícios de que a escola passava por um período conturbado em sua direção. A diminuição de espaço da feira na escola até sua extinção é um processo que remonta novamente às condições de possibilidade para tais acontecimentos, pois a movimentação no cargo de diretor da escola e as alterações que a feira provocava na instituição fazem-nos considerá-las como prováveis motivações que contribuíram com a extinção da Feicit, naquele momento⁷.

Há elementos fugidios que dificultam o estabelecimento de algumas relações; mas existem, por outro lado, as memórias, um universo de elementos que permitem estabelecer pontos de contato (Grazziotin, 2008). Tais pontos instigam a tentativa de entender as relações que o professor Jaime estabelece a respeito do reconhecimento e valorização, por parte da direção, das feiras de ciências. As representações desse professor nos levam a afirmar que as feiras não tinham o prestígio almejado pelos seus idealizadores dentro da escola. Tal prestígio só teria sido alcançado no momento em que a direção percebeu que era uma forma de divulgar a

⁷ Anos mais tarde, depois da internacionalização da Mostratec e afiliação desta nos eventos internacionais, a Feicit é retomada, como a feira interna da Liberato, onde somente alunos da Fundação expõem seus trabalhos e são selecionados os que vão representar a Liberato na Mostratec.

escola, podendo representar um diferencial para a instituição.

A narrativa construída até o momento empreende a caminhada de análise da intrincada trama do início da constituição das feiras de ciências nessa instituição. Os relatos nos enviam a diversos caminhos e expectativas que, lentamente, vão se constituindo na construção desta escrita.

O próximo período analisa o tempo de ciência, tecnologia e arte na constituição de uma cultura escolar, entre 1984 e 2009, abrangendo a organização da Mostratec. A feira de ciências é vista como uma possibilidade de trabalhar a dificuldade sentida pelo corpo docente em relação aos resultados alcançados pelos alunos. Os professores relatam a passagem por momentos de crise no ensino; os indícios encontrados, no depoimento dos diretores da época, indicam que a Fundação passou por um período conturbado. Esses depoimentos foram publicados no livro elaborado pela comemoração dos 50 anos da Liberato, em 2017.

A direção da escola passou por mudanças entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980. O diretor Joaquim Luft sai para o pleito eleitoral e depois retorna e refere que um de seus feitos, enquanto ocupava o posto, foi promover a elaboração de um novo plano diretor para Fundação. Uma das metas desse novo plano indicava que deveria haver modernização dos laboratórios e oficinas. Portanto, a escola estava, de alguma forma, desatualizada em suas áreas de atuação. Esse é o mesmo período em que os professores referem a falta de motivação e criatividade dos alunos.

Desses relatos, é possível inferir que as dificuldades observadas pelos professores não se referem a uma situação isolada da Fundação Liberato, pois estamos falando dos anos de 1985 a 1987: como professor Araújo refere, trata-se de um momento em que o “Brasil ferve” (Araújo apud Müller, 2018), e isso é percebido pela instituição. (Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, 2017). Pelo relato do professor Dal Molin, a Fundação vê na feira uma possibilidade de solução para lidar com tais dificuldades que refletiam no ensino.

Os documentos analisados sobre esse período descrevem que, em 1983, foi feita uma sondagem sobre a volta da realização das feiras de ciências na escola e, em 1984, foi nomeada uma comissão, de oito professores, para elaborar o projeto Mostratec 85. A comissão inicialmente nomeada sofre desfalques no início de 1985, com a desistência de vários membros, restando apenas três professores.

Nesse contexto, percebe-se que o projeto apresentado se guia pelos que foram apresentados para as Feicits: mantém a estrutura de comissões com professores responsáveis, inclui áreas de avaliação e altera, em alguns itens, a justificativa e os objetivos. Essas alterações conferem à feira uma maior abrangência quanto a suas áreas de atuação, incluindo a “área humanística e artística” como uma possibilidade de trabalhos a serem expostos.

No relatório da execução da 1ª Mostratec, observa-se que foram detalhadas nove propostas de trabalho para o próximo ano, 1986. Dentre elas, destacamos: preocupação com a promoção de treinamento para se trabalhar com metodologia científica nas diversas áreas do conhecimento; alocação de orçamento para a feira em 1986; definição de horários específicos para pesquisa; planejamento dos horários de laboratório e oficinas e conscientização dos professores da importância de se trabalhar com pesquisa na instituição.

Ao longo das narrativas analisadas, os professores referem-se às dificuldades e tensões vivenciadas na escola em relação à instauração da feira. Após 1985, a feira institui-se na Fundação com o nome de Mostratec, havendo apoio por parte da direção. Então, é possível dizer

que o foco das resistências por vezes muda de *locus*: ora passa a ser o corpo docente, ora passa a ser o corpo discente, que precisa de motivação para realizar trabalhos de pesquisa. Conforme o desenvolvimento da proporção do evento, as resistências apresentam-se na forma de dificuldades financeiras, de mudanças e aprimoramentos necessários à iniciação científica em outros contextos tecnológicos e científicos e de exigências de maior qualidade dos trabalhos apresentados.

Por ocasião da participação de um grupo de alunos da Liberato na VII FEINTER (VII Feira Internacional de Ciências e Tecnologia Juvenil), adveio a primeira participação da Fundação Liberato na *International Science and Engineering Fair* - ISEF, a maior Feira de Ciências Internacional de Ensino Médio, que ocorre nos EUA.

A partir dessa participação da Liberato na ISEF e com a Mostratec conveniada à COPAE-AL, em 1994, a feira passa a ser internacional, por aceitar a participação de trabalhos desenvolvidos nos países da América Latina. Foi então renomeada para 9ª Mostra Internacional de Ciências e Tecnologia das Escolas Técnicas Sul-Americanas.

Novamente, as condições de possibilidades revelam-se como guias que levam à apropriação das vivências nas feiras internacionais e balizam as práticas de organização da Mostratec. Duas são as condições que emergem dos documentos: a participação nas feiras internacionais e a repercussão dessa participação na mídia. Isso empreende mudanças do olhar da direção da Fundação para a feira. O evento atinge o patamar de internacional com outra roupagem.

Percebe-se uma mudança de foco nas regras da Mostratec, baseada nas regras utilizadas na feira dos EUA, a ISEF. Esses mecanismos de adaptação remetem à conexão com aquilo que ocorria nas décadas de 1960 e 1970, com a tradução dos manuais dos EUA para treinamento de professores nas áreas de ciências e matemática, realizadas por centros de ciências como o CECIRS.

A roupagem da Mostratec muda a partir de 1995. Inicialmente, o primeiro órgão internacional a filiar-se à Mostratec foi a COPAE-AL; depois, veio a filiação à ISEF; na sequência, percebemos a ligação do evento com outros órgãos internacionais e, a partir disso, com órgãos nacionais, como o Ministério da Educação e da Cultura – MEC.

Observamos que, desde que ela se filiou à ISEF, houve a participação de trabalhos dos EUA na mostra. No entanto, sua nomenclatura muda, retirando a ênfase dos países sul-americanos, somente em 2001, quando é nomeada 16ª Mostra Internacional de Ciências e Tecnologia. Nesse ano, há registros de participação de alunos da Argentina, Chile, México, Moldávia, Paraguai, Peru, Portugal, Turquia e Uruguai. Assim, com a expansão da feira, sua internacionalização, inicialmente, abrange a América Latina, mas depois já inclui América do Norte e, na sequência, passa a ter como objetivo obter convênios com todos os continentes. Esses contatos vão acontecendo durante os anos, e ocorre também a participação de trabalhos brasileiros na Europa, na Ásia e na África. Da mesma forma, ocorre a participação desses países na Mostratec.

A Mostratec internacionaliza-se pelas condições de possibilidades encontradas. Ao assumir uma nova roupagem, enquadrando-se aos padrões da ISEF, encara uma transformação em sua organização. Promove mudanças nas regras e nos critérios de avaliação, para que estivessem em conformidade com o padrão da feira dos EUA. Essa forma começa a ser implantada nacionalmente, através da Mostratec, no momento em que as feiras vão se multiplicando no Brasil e filiando-se ao evento promovido pela Fundação. Tais adaptações eram

também necessárias, pois a Mostratec, enquanto filiada, assumia compromissos com a ISEF, no sentido de garantir que os trabalhos que a mostra indicasse para participação nos Estados Unidos estivessem de acordo com as regras da exposição. Ao conviver com uma feira de porte internacional e tradicional dos EUA, a mostra toma esse evento como referência e torna suas primeiras participações em um laboratório de aprendizagem do modelo de feira internacional de excelência. Com isso, passa a aplicar esses princípios na organização da Mostratec.

A Fundação Liberato tem professores participando da Feira nos EUA desde 1993. A cada ano, um grupo de pessoas – organizadores da Mostratec, professores orientadores e alunos selecionados para a ISEF – formam a delegação brasileira de jovens de Ensino Médio para representar o Brasil. Os primeiros grupos a participar foram as “cobaias”: eles é que trouxeram o conhecimento sobre a feira e a viagem. Alguns percalços tinham de ser superados; o primeiro deles era o custo da viagem. As primeiras viagens foram custeadas pelos próprios alunos, e os professores se autofinanciavam. Sabe-se que, em alguma época, foram feitos pedágios solidários para angariar fundos para as viagens. O professor Jaime, ao narrar os primeiros grupos do Curso de Eletrônica a participarem da ISEF, discorre sobre a dificuldade das próprias famílias em deixar os alunos participarem e a barreira causada pela diferença no idioma.

Nas falas aparece o nome da empresa Intel associado ao nome da feira nos EUA, Intel ISEF. Essa empresa tem um contrato com a *Society for Science*, que é a sociedade organizadora da ISEF, para patrocinar a feira até o ano de 2019. Juntamente com o patrocínio, a empresa realiza ações de incentivo à ciência, o que influenciou na política de divulgação e acesso à feira. Existia um segmento dessa empresa, chamado INTEL Brasil, que acabou por patrocinar, também aqui no País, iniciativas de incentivo à pesquisa. Uma das ações que essa empresa empreendeu foi solicitar a reunião com os representantes das feiras no Brasil.

Das estratégias montadas para incentivar a ciência no Brasil, partindo do patrocínio Intel/ISEF, conjugam-se duas questões: a elaboração e a execução de um curso de formação de professores para realizarem iniciação científica com seus alunos e o incentivo financeiro da Intel Brasil, que passa efetivamente a aportar dinheiro para que o curso fosse ministrado nas diversas regiões do país.

A condição de possibilidade do conhecimento do uso da metodologia científica em sala de aula, a qual a professora Dalva dominava por trabalhar na Fundação Liberato, juntamente com o financiamento e o interesse de uma instituição privada como a Intel, estabelecem as condições necessárias para que se promovesse a formação de professores para a iniciação científica no Ensino Médio. Novamente, relaciona-se tal aspecto aos movimentos da década de 1950, em que o incentivo às ciências exatas e à matemática foi entendido como forma de destacar os alunos com mais potencial para desenvolver tecnologias. Sabe-se que isso não surgiu sem intenções; as mais verbalizadas eram aquelas que fomentavam as possibilidades de um desenvolvimento do educando em um sentido mais amplo, possibilitando uma aprendizagem mais significativa. Mas existiam as outras demandas, que não eram tão explícitas, como identificar os alunos-destaque e com potencial para desenvolver a tecnologia necessária para a Guerra Fria.

Na atualidade, entendemos que a primeira motivação ainda ocorre. Em nome das possibilidades de ensino variantes e mais criativas, podemos fugir da sala de aula de ensino tradicional e, usando a metodologia científica, ter a possibilidade de tornar o ensino mais atrativo para os alunos. Quanto à segunda motivação, a Guerra Fria, entendemos que não é mais pano de fundo das intenções. Porém, estabelece-se outra dimensão, que é a concorrência tecnológica entre as empresas privadas: tem mais valia econômica a empresa que consegue lançar inovações

tecnológicas continuamente. Assim, entendemos que esse interesse em promover a iniciação científica tem ainda a intenção de descobrir os alunos que se destacam para neles investir e ter a garantia da inovação.

As condições de possibilidade que se apresentaram foram utilizadas para aumentar a Mostratec e promover a Fundação Liberato. Até 2005, a Fundação Liberato comportou, em sua estrutura física, a acomodação dos espaços necessários para a exposição. Em 2006, a vontade de crescer e a demanda de projetos fizeram com que houvesse a procura por outras possibilidades de infraestrutura. Em 2009, passa a ocorrer na Fenac⁸, sendo organizada pela Fundação Liberato. As novas proporções infraestruturais aumentaram significativamente a feira, agregando outros eventos paralelos, tais como o Festival de Robótica e atividades culturais diversas.

Considerações finais

Neste artigo apresentamos as análises possíveis através da produção de documentos orais e garimpo dos registros escritos existentes na escola, tanto oficiais como ordinários. Tivemos como propósito historicizar o percurso de constituição da Mostra de Internacional Ciência e Tecnologia – Mostratec e compreender sua implicação com o fortalecimento da representação de instituição de ensino de excelência que realiza iniciação científica no Ensino Médio Técnico.

Justino Magalhães aponta que estudar uma instituição requer entender que esta corresponde a “uma memória, um historicismo, um processo histórico, uma tradição, em permanente atualização – totalidades em organização” (Magalhães, 2004, p. 62). Considerando os aspectos sinalizados pelo autor, empreendemos as análises que nos levaram a tramar a historização da constituição da Mostratec e as redes de possibilidades traçadas para essa instauração.

Uma das redes que viabilizou a inter-relação de diferentes sujeitos e seus lugares de poder, nos espaços que ocuparam, foi a rede formada pelo professor Ronaldo Mancuso, ligado ao CECIRS; pela professora Mabilde Grant, do Instituto de Educação; pela professora Hoswita, ligada aos movimentos artísticos da década de 1970, e pelo professor Dal Molin, sob a influência formadora do CECIRS, como professor de Biologia. Essa rede proporcionou as condições de possibilidades para o desenvolvimento das feiras de ciências que oportunizaram a divulgação da escola, o que, como consequência, reforçou o mito fundador da instituição.

É possível inferir que, com a passagem de feira interna da escola a feira internacional, formou-se uma segunda rede, quando a Mostratec começa a credenciar trabalhos para participar em outros países. Então, forma-se a rede que se constitui de participações na Mostratec, premiações para participação fora do Brasil e premiações para participação na ISEF. Essa rede, por sua vez, impulsiona o aumento de números de trabalhos expostos, expandindo a abrangência da mostra.

Em 1974, há o registro da primeira mostra de trabalhos da escola, a Expomeq. Em 1978, ocorre a I Feicit e, em 1985, realiza-se a I Mostratec. Desde então, a escola organiza a mostra, que, na temporalidade da pesquisa, foi até a 24ª edição. Por meio das memórias e dos documentos analisados, foi possível inferir sobre diversos momentos impactantes da trajetória da feira, que acabaram por motivar o aumento da exposição e o seu tamanho. Alguns desses

⁸ Novo Hamburgo foi conhecida, por muito tempo, como capital nacional do calçado. Na década de 1970, houve uma grande mobilização pela construção de um centro de eventos para exposição da produção de calçados do município, realizando-se a Feira Nacional do Calçado. Esse centro chama-se Fenac e é administrado pela cidade.

momentos relacionaram-se à exposição de trabalhos de outras escolas, de outros estados e também de outros países.

Quando a Mostratec assume *status* internacional, recebendo e enviando trabalhos para outras feiras – em um primeiro momento, para a América do Sul e depois para outros continentes – observa-se uma movimentação na organização e na direção da escola. O evento torna-se mais valorizado internamente, o que resulta no incentivo do uso da metodologia científica em sala de aula e na qualidade dos trabalhos realizados pelos alunos da Liberato. Tal metodologia é reforçada, por meio do entendimento daquilo que Santos (1988) entende por paradigma moderno de pesquisa.

Um dos momentos marcantes nessa trajetória foi quando ocorreram as primeiras participações na ISEF, evento dos EUA. A Mostratec identifica-se com a organização dessa feira e a toma como modelo. Em decorrência dessa participação internacional, ocorrem as primeiras premiações dos alunos da Liberato – acontecimento comemorado e enaltecido como importante para instituição, que investe nesse tipo de trabalho. Novamente, vislumbra-se o reforço a seu mito fundador e à sua tradição de escola de excelência. Isso passou a consolidar uma representação quanto à excelência de cada área: seriam cursos competentes aqueles que obtivessem maior número de premiações na Mostratec, principalmente no que se refere à participação na ISEF.

Ao longo dos anos, a feira se expande, agregando outros eventos de outras naturezas – não só científicas, pois, embora seja uma escola de formação técnica, a instituição investe na prerrogativa de formação integral do aluno. Acompanhando as tendências atuais, a Liberato tenta conferir a mesma importância às questões de cultura geral e às técnicas.

Para tramar essas narrativas, foi utilizado a História Oral como metodologia. Toda pesquisa exige uma delimitação. No caso desta investigação, a opção foi entender essa trajetória pelo viés de professores e ex-professores que participaram diretamente da organização das feiras e do processo de cada um dos cursos diurnos – Química, Mecânica, Eletrotécnica e Eletrônica. A partir das memórias e dos documentos escritos, foi possível construir uma narrativa, por meio da qual se inferiu que as condições de possibilidades estabelecidas pela organização das feiras, as consequências das participações nessas feiras nas salas de aula e o processo de internacionalização da Mostratec consolidaram o mito fundador, de instituição de ensino de excelência, possibilitando o estabelecimento da cultura escolar da iniciação científica no Ensino Médio Profissionalizante e a instauração da “tradição inventada” (Hobsbawn, 1984) de instituição que incentiva a pesquisa, reforçando a representação de instituição que realiza um ensino de excelência pela inclusão da iniciação científica na prática cotidiana escolar.

Referências

BORGES, R. M. R. **Um centro de ciências chamado CECIRS**. 1999. Disponível em: <https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/encontros/enpec/iienpec/Dados/trabalhos/A45.pdf>.

Acesso em: 08 jan. 2024.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século 20). In: BENCOSTTA, M. L. A. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 79-99.

FUNDAÇÃO ESCOLA TÉCNICA LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA. **Liberato 50 anos de fundação**: histórias de uma trajetória. Novo Hamburgo: Fundação Liberato, 2017.

GRANT, E. M. **Planejamento de feira de ciências**. Porto Alegre: Sulina, 1970.

GRAZZIOTIN, L. S. S. **Memórias recompondo tempos e espaços da educação**: Bom Jesus/RS (1913-1963). 2008. 386 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

HALBWACHS, M. A. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBSBAWM, E. Introdução a invenção das tradições. *In*: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KRASILCHIK, M. Caminhos do ensino de ciências no Brasil. **Em Aberto**, v. 11, n. 55, jul./set. 1992. DOI: 10.24109/2176-6673.emaberto.11i55.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

MAGALHÃES, J. P. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

MÜLLER, D. M. **Das feiras de ciências à iniciação científica no ensino médio profissionalizante**: história da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha (1974-2009). 2018. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1988.

VEYNE, P. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1998.

VIÊRA, M. M. **O entrelaçar de histórias**: o Centro de Ciências do Rio Grande do Sul (CECIRS) e a vida de um professor de ciências. 2011. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ZULIANI, R. D. **Professores das séries iniciais do ensino fundamental e as feiras de ciências**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2009.